



A GUERRA COLONIAL NA MINHA TERRA

Concurso História Militar e Juventude 2023

O AVÔ DA INÊS GRILO ALVES

*Na guerra não há folga, sempre alerta e de prevenção,
não fosse esse ser o nosso último dia.*

Inês Grilo Alves

Beatriz da Conceição Azenha

Colégio Militar – 8º B

Índice

A Guerra Colonial na Minha Terra (1961-1974).....	2
Enquadramento	2
Moçambique	2
O Avô da Inês Grilo Alves	3
Conclusões	4
Referências.....	6

A Guerra Colonial na Minha Terra (1961-1974)

Enquadramento

A Guerra Colonial foi um dos episódios mais controversos e dolorosos da história de Portugal. Durante os anos 60 e 70, muitos jovens foram obrigados a partir para África, para combater as guerras de independência nos territórios de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Foram anos de sacrifício, violência e ações militares que deixaram marcas profundas em todos os envolvidos.

Muitos dos combatentes, nesta guerra, ainda são vivos e por isso decidimos entrevistar um familiar, o avô da Inês Grilo Alves, por forma a perceber quais os impactos desta guerra na sua vida.

O avô da Inês Grilo Alves chama-se José Marques Grilo, nasceu em 07/05/1940 em Castelo Branco, e fez instrução militar no Regimento de Cavalaria nº 8 em Castelo Branco, em 1959, e tirou o curso de Enfermeiro Hípico na Escola Prática de Serviço Veterinário Militar, em Rio Seco (Ajuda), em 1962. Foi mobilizado para Moçambique, no mesmo ano, tendo embarcado no navio Pátria em 20/10/1962.

Moçambique

A chamada dos jovens portugueses para a Guerra Colonial ocorreu para destinos diferentes, conforme as necessidades e locais de maior revolta, ao longo de 13 anos. Neste específico caso de Moçambique e para enquadramento:

- Moçambique foi descoberto pelos portugueses em 1498, por Vasco da Gama, aquando da sua viagem marítima para a Índia, e passados 3 anos foi instalada a administração colonial. A revolta foi liderada pelo Movimento de Libertação de Moçambique (Frelimo), que lutou contra o governo colonial português que governava Moçambique desde o século XVI. A Frelimo foi criada em 1962, após o fracasso de outros movimentos de libertação que haviam tentado derrubar o domínio português na região.
- A revolta começou em 1964, quando a Frelimo realizou ataques guerrilheiros contra as forças portuguesas em Moçambique. A luta pela independência foi impulsionada pelas condições de pobreza, trabalho forçado, discriminação racial e falta de representação política que muitos moçambicanos sofriam sob o domínio colonial.
- A luta armada da Frelimo durou mais de uma década e foi implacavelmente reprimida pelas forças portuguesas. Em resposta, a Frelimo adotou uma estratégia de "guerra de guerrilha", que consistia em ataques surpresa e rápidas retiradas para evitar confrontos diretos com as forças portuguesas.
- A revolta também contou com o apoio de outros movimentos de libertação africanos, principalmente da Tanzânia e da Zâmbia, que ofereceram bases de treino e refúgio para a Frelimo.
- Em Moçambique, a guerra durou 10 anos, de 1964 a 1974. Embora esteja catalogada como tendo início em 1964, os militares portugueses foram chamados mais cedo, devido a episódios de violência e com o objetivo de salvaguardar a paz.

O Avô da Inês Grilo Alves

O avô da Inês tinha 22 anos e era solteiro, quando foi nomeado para ir para Moçambique em 1962. Decidiu casar em 1965 por procuração e por isso casaram em 14/02/1965. Só em 28/05/1965 é que a avó conseguiu chegar ao pé dele, em Moçambique. Logo por aqui notamos os impactos desta guerra na mudança de vida e planos que teve em milhares de jovens portugueses. Nas fotos de casamento deles consta um senhor, que não é o avô da Inês, e é estranho não constarem os dois noivos.

O avô da Inês teve um total de cerca de 10 anos, ocupando a função militar de enfermeiro de veterinária. Nunca esteve em situações de primeira linha de combate tendo sido as funções dele na instrução de pessoas para montarem a cavalo, tratamento e treino de cavalos e cães de guerra.

Ele esteve em Moçambique por duas comissões:

- 1ª comissão de 1962 a 1967 – Enfermeiro de veterinária, em Lourenço Marques, no Esquadrão de Reconhecimento;
- 2ª comissão de 1970 a 1975 – Enfermeiro de veterinária, na companhia “Cães de Guerra” em Nampula e Vila Pery e no destacamento da polícia militar, tendo os últimos 2 anos sido feitos no Esquadrão a Cavalo de Vila Pery com 400 cavalos;
- Regressou, de vez, em 05/02/1975.

O avô da Inês indicou que a 2ª comissão foi bem mais conturbada que a 1ª, e com mais revolta e ataques das forças da Frelimo. Foi um período complicado com muitos episódios de revolta e violência para com civis e tendo ele lá a família, ainda mais complicado foi: ocorreram episódios de desacato à porta da casa, onde viviam, em que tinham de permanecer trancados, em casa; noites dormidas, juntamente com outras famílias, e com os homens militares a garantir a segurança deles, com G3 na mão; outras noites com G3 e revólver debaixo da almofada...

Não obstante a idade atual, com 83 anos, tem muitas recordações e uma memória fantástica, o que possibilitou esta entrevista:

Que ideia tinha dos motivos que levaram à guerra?

O que sabia era que Moçambique tinha sido descoberto pelos portugueses perto do ano de 1500 e a partir daí passou a ser colonizado pelos portugueses idos da metrópole. Os naturais não aceitaram de bom grado esta situação porque estavam a ser explorados. Revoltaram-se e começaram a matar os fazendeiros. Nessa altura o governo mandou para lá os militares para defesa dos colonos. Mais tarde os naturais auxiliados e instruídos por outros países passaram a atacar em força e assim começou a guerra.

Foi para a guerra de livre vontade ou foi obrigado?

Como devem calcular, ninguém vai de livre vontade para uma guerra. Embora nos quisessem convencer que aqueles territórios eram nossos, a mim não me coube nenhum pedaço, só sofrimento. Fui nomeado para ir e depois alterei o estatuto para voluntário para conseguir levar a minha mulher.

Como era um dia nos combates?

Sempre preocupados porque a qualquer momento poderíamos ser atacados pelos terroristas.

Como era um dia de folga?

Na guerra não há folga, sempre alerta e de prevenção, não fosse esse ser o nosso último dia.

Poderá descrever o episódio que mais o marcou durante a guerra?

Eu e a minha mulher, fizemos uma viagem de Lourenço Marques para Vila Pery (cerca de 2.000 Km) num Renault Dauphine, que tinha como velocidade máxima 90Km/hora. Em determinada altura do percurso paramos para beber um copo de água fresca que transportava numa geleira. Sentámo-nos um pouquinho à sombra do carro para descansar. Quando íamos para iniciar viagem notei que o motor não tinha óleo nenhum. De seguida notei que se aproximava, de nós, um carro, que circulava a alta velocidade. Fiz sinal e o senhor parou. Como trazia óleo ele abasteceu o meu carro e disse: “Eu não quero que me pague! E o senhor fuja daqui o mais rápido possível, que eles estão aqui perto e certamente a ver-nos!”.

Retomei a viagem, andei 380 Km, sem ver ninguém, e cheguei ao destino.

Pelas coordenadas onde estivemos parados, alguns minutos depois, foi atacado um autocarro de passageiros da companhia “Majone”, em que mataram 40 pessoas. Concluímos que eles estavam mesmo lá e só não nos fizeram mal por sermos só dois e o impacto terrorista ser menor. Ficámos aterrorizados pois estávamos sempre em perigo, por onde andássemos.

Recordo-me também que no dia 25 de Abril de 1974 o radio clube deixou de funcionar, que não era normal, e comentei: “Aconteceu alguma coisa na metrópole...”. No dia seguinte soubemos do golpe de estado em Lisboa.

Outro momento difícil foi a entrega de armas, que se seguiu em consequência do 25 Abril, pois ficamos sem defesa. Para além das armas tive de entregar cavalos, cerca de 400, e cães que tínhamos ao nosso serviço e cuidado.

Durante o período de permanência em Moçambique, o avô da Inês teve dois filhos: o tio e mãe da Inês. Esta é uma realidade de muitas pessoas desta época, que nasceram nas colónias, mas que são portugueses, pois as mulheres dos combatentes podiam ir ter com eles, caso os mesmos passassem a voluntários. Os filhos dele regressaram mais cedo a Portugal, com a bisavó da Inês, dado o período conturbado que começou após o 25 de Abril de 1974. Dado que já não era seguro a sua permanência eles vieram mais cedo para Portugal e, mais tarde, com a desmobilização das tropas, veio o avô e avó da Inês, em 05/02/1975.

Conclusões

Como a história desta família existem muitas outras pois os números existentes indicam que, ao longo de 13 anos de guerra, foram mobilizados 800 mil portugueses (correspondente a 90% da população jovem masculina do país) para combaterem nas antigas colónias e também 500 mil africanos, que foram incorporados nas tropas portuguesas.

A história do avô da Inês correu bem pois conseguiu regressar, com a sua família, por nunca ter estado envolvido em conflito direto de guerra. Pelas histórias que ele conta, e a específica que contou, em

entrevista, percebemos que isto não era garantia para não haver risco. O risco existia sempre, pois ataques terroristas podiam sempre acontecer, e com a gravidade acrescida de estarem acompanhados com as suas famílias.

Sabemos de muitas histórias que acabaram mal, como em qualquer guerra, pois esta guerra causou cerca de 10 mil mortos e 20 mil inválidos entre os soldados e mais de 100 mil vítimas entre os civis que viviam nas colónias.

Para os que foram obrigados a ir, quer por escolha própria quer por obrigação, foi uma situação que marcou as suas vidas de forma indelével, e que ainda hoje é recordada com muita emoção e sentido de saudade. Esta guerra deixou sérias marcas nas pessoas, nas famílias e na sociedade em geral. Muitos adolescentes, nos dias de hoje, têm os avôs vivos e que recordam episódios de vida, da altura que mais os marcou. Muitos adolescentes, nos dias de hoje, têm uma ligação familiar a esta Guerra.

O regresso dos combatentes e de suas famílias transformou a sociedade portuguesa de uma forma profunda. Para além dos traumas de guerra que todos trouxeram consigo, e que passaram para os seus familiares mais diretos, foi uma altura conturbada na sociedade portuguesa ao nível de desordem: emprego, habitação e muita burocracia para obtenção de documentos de identificação, cartas de condução, etc. No regresso, o avô e avó da Inês, colocaram alguns dos seus pertences em caixotes de madeira, que vieram dentro dos contentores dos “retornados”. Só tiveram acesso aos mesmos passados cerca de 9 meses, com o seu conteúdo vandalizado.

Não devemos esquecer o passado para podermos compreender o presente.

Referências

[Cronologia 1961-1969 – DW – 10/12/2013](#)

[Guerra Colonial Portuguesa – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Guerra da Independência de Moçambique – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Início da Guerra em Moçambique \(defesa.gov.pt\)](#)

[A desmobilização dos combatentes africanos das Forças Armadas Portuguesas da Guerra Colonial \(1961-1974\) \(openedition.org\)](#)

[Retornados – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Retornados. O êxodo da população portuguesa de Angola no pós-Guerra Colonial \(comunidadeculturaearte.com\)](#)

[25 de abril: Traumas da guerra colonial ainda persistem – DW – 25/04/2019](#)

[O “retorno” foi há 40 anos mas volta a ser agora | Artes | PÚBLICO \(publico.pt\)](#)

[Os retornados começaram a chegar há 40 anos – Observador](#)